

**Configurações críticas: entre relações de poder e práticas libertinas em *A filosofia da alcova* de Marquês de Sade.**ANA CAROLINA ROSA BATISTA<sup>1</sup>

**Resumo:** França, século XVIII, um contexto bastante complexo na difusão de ideias. Houve todo um processo para que se desse conta de meios para a circulação de uma literatura proibida. Livreiros, editores e comerciantes do mercado de edição foram determinantes para a propagação dessas leituras. Foi considerada literatura proibida textos que de alguma forma atacaram, ou transgrediram, a moral convencional francesa desse período, a Igreja e sua doutrina ideológica, e o Estado, juntamente com seus representantes políticos. O proibido incitava ao desejo. Literatura libertina foi então um gênero literário de amplo destaque dessa época, tendo em Donatien Alphonse François (1740-1814), Sade, um dos seus maiores autores dessa perspectiva. Para isso, este trabalho se propõe a pensar questões contextuais, de produção e edição dessa literatura proibida e marginal do século XVIII na França. Além de compreender e analisar a relação entre práticas libertinas e relações de poder, a partir dos discursos, que serão bem marcados nos diálogos dos libertinos, em *A filosofia na alcova* (2008) de Marquês de Sade, uma iniciação na libertinagem.

**Palavras-chave:** literatura libertina; proibido; moral; poder; Sade

**Considerações Iniciais**

Donatien Alphonse François (1740 – 1814), o Marquês de Sade foi o verdadeiro símbolo de um literário libertino. Suas obras atacaram com deboches consideráveis a moral francesa do século XVIII, a Igreja e seu teísmo, e a figura do monarca, do déspota, que representava o Estado francês no século XVIII. As obras de Sade foram completamente proibidas nesse período, suas circulações se davam de forma clandestina e delicada, como toda a circulação das obras clandestinas e marginais desse contexto. Sade viveu metade de sua vida preso, foram vinte e cinco anos de reclusão.

A literatura libertina do século XVIII tem em Sade um dos seus maiores representantes desse contexto de produção. Vale destacar que suas críticas e suas acusações não se davam só pela imaginação do escritor, característicos de escritores libertinos, mas foram críticas que tiveram embasamento em questões reais na França desse período: “(...) realidade francesa que conheceu tantos excessos e desregramentos de conduta, sobretudo na época da regência” (BORGES, 2008a, p. 216).

---

<sup>1</sup> Graduada e licenciada em História pela UEG (2012). Especialista em Patrimônio, Direitos Culturais e Cidadania pela UFG (2015). Mestranda e bolsista CAPES na área de História, Memória e Imaginários Sociais, pelo Programa de Pós-Graduação em História pela UFG.

Sua postura como cidadão francês foi libertina, não como os libertinos radicais de suas obras, que executavam o máximo da crueldade em função do gozo individual. Mas Sade foi um devasso, acusado muitas vezes de praticar orgias, e de ter assassinado duas prostitutas. Fato que ele negou, durante toda sua vida, dizendo nunca ter sido assassino.

O libertino da literatura e lógica sadéana vai ser determinante para pensar este trabalho e as relações de poder presentes nas práticas libertinas narradas por Sade.

O Marquês foi autor de obras que foram verdadeiros marcos da literatura libertina como *120 dias de Sodoma*; *Justinne*; *A filosofia na alcova* (2008a) e muitos outros. Todos eles traçam um perfil ideal de libertino, e por meio de uma escrita carregada de deboche e ironia, Sade ataca a religião e qualquer concepção de teísmo, a moral francesa do século XVIII, questionando certos costumes, e o Estado.

E este texto vai partir de um estudo geral de um contexto de produção do século XVIII de toda uma literatura que percorreu a margem dessa sociedade francesa. Robert Darnton vai ser essencial para pensar esse período e essa produção literária. Depois faremos uma caracterização dos principais aspectos de literatura libertina, para por fim, chegarmos à análise final, referente às relações de poder presentes nas práticas libertinas dos personagens sadéanos, e na própria lógica de mundo do Sade.

Assim será necessário compreender e analisar a relação entre as práticas libertinas e as relações de poder em Marquês de Sade, a partir da obra *A Filosofia na Alcova* (2008), dentro de um contexto francês que viveu a presença de uma literatura proibida e marginal, uma literatura libertina, em pleno século XVIII.

### **Livros libertinos e seus leitores: pensando o contexto de produção**

Para pensar práticas libertinas e relações de poder em *A filosofia na alcova* (2008a) de Marquês de Sade é essencial analisar o contexto em que ele estava inserido, a França do século XVIII. As ideias desse período foram marcadas profundamente pela presença de uma literatura ilegal, a qual se caracterizava por livros que de alguma forma atacavam a moralidade convencional da época, a Igreja ou o Estado. Partindo então, de perspectivas de autores como Robert Darnton (1987), (1998) e Jean-Marie Goulemot (2000), que foram grandes estudiosos dessa temática. Proponho aqui refletir temas que estão no meio

deste grupo de livros ilegais e proibidos do século XVIII, o qual merece destaque a literatura libertina, na qual o Marques seria um dos principais representantes.

Um aspecto importante para entender esse contexto de produção foi à história da edição e publicação desses livros, como que eles circulavam pela França do século XVIII e a que público chegavam. O livro *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária* (1998) de Robert Darnton nos ajuda a pensar tais questões, uma vez que apresenta uma análise do contexto de produção de toda a literatura proibida da França pré-revolucionária, tendo em vista sua distribuição geográfica e intensidade dos mesmos.

Darnton (1998) identificou em suas pesquisas sobre a estimativa bibliográfica dos livros que mais foram lidos na França do século XVIII, que a noção de legalidade na literatura era vaga, partindo do fato de que as autoridades encarregadas pelo setor livreiro camuflavam, muitas vezes, a fronteira entre o lícito e o ilícito:

No lado legal, concediam não só vários tipos de privilégios e permissões, como ainda autorizações informais que não traziam nenhum nome ou figuravam nos registros com circunlóquios do tipo “permitido apenas para pessoas muito bem conhecidas”. No lado ilegal, confiscavam edições piratas de livros lícitos (*contrefaçons*), livros legais importados por um indivíduo sem a participação de um livreiro oficial, livros que não eram ofensivos porém não tinham algum tipo de permissão (em geral oriundos de outros países, onde eram autorizados) e livros subversivos segundo três critérios especificados por editos reais e relatórios da censura: solapar a autoridade do rei, atacar a Igreja ou ferir a moralidade convencional (DARNTON, 1998, p. 19-20).

Ambos os lados, lícito e ilícito, do comércio de livros no século XVIII passavam pelo controle das autoridades responsáveis a partir de editos reais<sup>2</sup>. Mas distinguir o livro legal do ilegal foi uma dificuldade desse período, tanto para os livreiros, editores, comerciantes desse mercado literário do século XVIII, quanto para os próprios historiadores que se dispuseram a estudar tal temática, uma vez que a ausência de fontes se torna um grande problema nessa barreira entre o lícito e o ilícito. Os livreiros faziam confusões nas encomendas dos livros, trocavam ou escreviam errado os títulos.

Os termos utilizados para caracterizar essa literatura ilegal variavam entre a sociedade francesa do século XVIII à qual tinha acesso a essas obras. Policiais, tipógrafos, editores e livreiros tiveram seus próprios termos para se referirem a essa literatura:

---

<sup>2</sup> Editos reais correspondiam basicamente a relatórios vindos da administração real da França no século XVIII. Muitas vezes esses relatórios tinham caráter de censura, uma vez que se opunham a autoridade do rei, ou quando atacavam a moral da Igreja, e a própria moralidade convencional da época.

A polícia encontrara outros termos: “livros clandestinos”, “drogas”, “penas”. Como vimos os policiais tinham sua expressão predileta: *mauvais livres*, “livros ruins”. Já os tipógrafos preferiam *marron* (livro proibido) e *marroner* (conduzir negócios clandestinos). Os editores e os livreiros adotavam um termo mais elevado: *livres philosophiques*, “livros filosóficos”, que em seu código comercial designava as obras que podiam acarretar-lhes problemas e deviam ser tratadas com cautela (DARNTON, 1998, p. 22-23).

Darnton para estudar a terminologia do setor livreiro teve como fonte os documentos da STN (*Société Typographique de Neuchâtel*), grande editora e atacadista que se localizava no principado de Neuchâtel, fronteira da França com a Suíça. Os arquivos da STN foram determinantes para se conhecer melhor o problema diário enfrentado pelo comércio livreiro da França no século XVIII, além de nos apresentar quais foram os maiores best-sellers desse contexto, e como estes vão estar relacionados à lista dos livros proibidos do período.

O mercado comercial de livros franceses do século XVIII foi caracterizado pela prática de trocas. No lugar de imprimir textos perigosos, era mais comum haver as permutas. Estas, quando envolviam livros proibidos, tinham cálculos especiais. De acordo com arquivos da STN, duas páginas de “livros filosóficos” correspondiam por uma página de um livro legal:

Os preços das obras filosóficas não se comportavam como os demais. Partiam de um patamar mais alto – em geral o dobro de uma edição pirata comparável - e depois caíam e subiam desordenadamente, dependendo das condenações (sempre favoráveis aos negócios), das batidas policiais (um estímulo para os leitores e um estorvo para os livreiros) e das oscilações da oferta (meia dúzia de edições produzidas secreta e simultaneamente por empresas concorrentes podiam inundar o mercado). Em geral, a STN fixava o preço por atacado de seus livros comuns em um *sou* por página e o dos livros proibidos em dois *sous* por página. Comumente se comerciava duas páginas de uma obra legal por uma de um livro filosófico (DARNTON, 1998, p. 30).

Os livros proibidos estavam ao alcance de muitos franceses, entretanto havia uma série de dificuldades a serem enfrentadas para se ter acesso aos mesmos. Os livros tinham que passar pelas mãos de contrabandistas, despachantes, transportadores, varejistas, para enfim, chegar ao leitor. E as próprias dificuldades de distribuição vão ser determinantes para as variações dos preços desses livros.

O termo “livros filosóficos” vai ser empregado como estratégia de camuflagem da comercialização de uma literatura ilegal.

A dificuldade de acesso à literatura ilegal no século XVIII na França aumentava o desejo nos leitores, e para os livreiros tal realidade levaria a maiores riscos e conseqüentemente, a necessidade de maiores cuidados. E Darnton (1998) em suas pesquisas conclui que a única fonte adequada sobre números a respeito do mercado de livros proibidos é a STN: “Vasculhei todos os documentos conhecidos dos negociantes que trabalharam com livros franceses no Antigo Regime e não encontrei nada que pudesse utilizar para testar a representatividade do material de Neuchâtel” (DARNTON, 1998, p. 68). Mas esses arquivos puderam proporcionar uma visão ampla dos best-sellers desse contexto.

A partir dos arquivos da STN e das pesquisas das listas de pedidos dos grandes comerciantes do mercado da literatura ilegal, Robert Darnton apresenta os best-sellers que percorreram a França no século XVIII. Três ganham consideração importante em seu texto, *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária (1998)*, por os mesmos fazerem críticas à sociedade francesa daquele século, à moral estabelecida aos bons costumes, e a Igreja e membros da mesma. E as três obras de destaque são: *L'na 2440* de Mercier; *Anecdotes sur Mme la comtesse du Barry*, Pidansat de Mairobert? E *Thérèse philosophe*, d'Arles de Montigny? Ou d'Argens? Percebemos aqui, que das três obras citadas, duas delas não se sabe ao certo quem foi o autor. Esse fato foi característico da censura que havia em cima dessa literatura ilegal, e assim, seus autores temiam se identificarem e sofrerem conseqüências drásticas posteriormente da sociedade dominante, representados pelos nobres, clero, monarquia.

Na lista de Darnton (1998) não aparece nenhuma referência a alguma obra do Marquês de Sade, porém ele o cita como o autor que vai fechar o século XVIII com sua literatura libertina e em meio a uma segunda onda de textos “pornográficos”:

Esse novo ciclo se iniciou em 1741, com o lançamento de três livros: *Le canapé couleur de feu*, de L.-C. Foucheret de Monbron; *L'art de foutre*, de François de Baculard d' Arnaud; e principalmente *Historie de dom B..., portier des Chartreux*, atribuído a J.-C. Gervaise de Latouche, um *tour de force* obsceno e anticlerical que, junto com *Thérèse philosophe*, encabeçou as listas de best-sellers até a derrocada do Antigo Regime. A ficção obscena continuou jorrando do prelo em meados do século. Incluía obras de autores famosos – *Les bijoux indiscrets* (1748), de Diderot; *Le sophia* (1742), de Crébillon fils; *La pucelle*, de Voltaire (publicada pela primeira vez em 1755 e depois retocada por terceiros e reimpressa em versões mais indecentes) -, bem como best-sellers mais grosseiros e explícitos: *Les lauriers ecclésiastiques* (1748), de C.J.L.A. Rochette de la Morlière; *Margot la ravaudeuse* (1750), de L.-C. Foucheret de Monbron; *La chandelle d'Arras* (1765), de H.-J. Du Laurens; e *Historie galante de la tourière des Carmélites* (1743), de A.-G. Meusnier

de Querlon. Todos esses livros foram reimpressos nas décadas de 1760 e 1770, quando a produção de originais entrou em declínio. O gênero voltou a florescer nos anos de 1780 com as obras pornográficas de Mirabeau: *Errotika Bibliion* (1782), *Ma conversion, ou le libertin de qualité* (1783) e *Le rideau levé ou l'éducation de Laure* (1785). E o século terminou com Marquês de Sade. Os especialistas em Sade talvez vejam nesses textos apenas um prelúdio às obras primas do divino marquês. Entretanto, eles possuem um valor intrínseco, correspondendo ao florescimento de uma vasta literatura peculiar ao Antigo Regime e, sobretudo aos meados do século XVIII (DARNTON, 1998, pág. 103).

Pensar os textos de Sade no contexto francês do século XVIII é algo complexo. Vimos que as obras que foram consideradas ilegais e perigosas foram aquelas que de algum modo agrediram a moral francesa estabelecida, a Igreja e seus costumes, e o Estado. Partindo dessa perspectiva, Sade foi um autor completo no que diz respeito a obras perigosas. Seus textos foram carregados de duras críticas à moral da época, aos membros e costumes religiosos, e ao Estado e a configuração política francesa contemporânea.

O século XVIII foi caracterizado então, pela existência de “obras filosóficas”, e havia todo um comércio obscuro e ilegal que utilizavam inúmeras estratégias para que esses textos chegassem aos leitores. A França nesse período era caracterizada por toda uma circulação e comércio de uma literatura ilegal. E um gênero que teve grande destaque nesse contexto foi a literatura libertina. Como que esta assumia um sentido de transgressão. Um grande exemplo disso é mostrado no texto *Sade, Fourier, Loyola* de Roland Barthes (1990):

A moral libertina consiste, não em destruir, mas em transviar; ela desvia o objeto, a palavra, o órgão, do seu uso endoxal; mas para que esse roubo se perpetre, para que haja prevaricação do sistema libertino às expensas da moral corrente, é necessário que o sentido persista, é necessário que a Mulher continue a representar um espaço paradigmático, dotado de dois lugares, um dos quais o libertino, como linguista respeitador do signo, vai marcar, e o outro, ele vai neutralizar. Com certeza, ao esconder o sexo da Mulher, ao desnudar lhe as nádegas, o libertino parece igualá-la ao rapaz e buscar na Mulher o que não é a Mulher; mas a abolição escrupulosa da diferença é trapaceada, pois essa Mulher sem sexo não é, entretanto, o Outro da Mulher (rapaz): entre os sujeitos da depravação, a Mulher permanece preeminente (nisso não se enganam os pederastas, que recusam geralmente reconhecer Sade com um dos seus); é que o paradigma precisa funcionar; só a Mulher oferece à escolha dois sítios de intromissão: ao escolher um contra o outro *no campo de um mesmo corpo*, o libertino produz e assume um sentido, o da transgressão. O rapaz, visto que o seu corpo não oferece ao libertino nenhuma possibilidade de falar o paradigma dos sítios (ele só propõe um), é menos interdito do que a Mulher: ele é portanto, sistematicamente, menos interessante (BARTHES, 1990, p.116).

Goulemot (2000) também trabalha uma perspectiva de estratégia de transgressão. O leitor deve ser persuadido, seduzido, transviado à moral e às práticas libertinas:



O romance libertino não se propõe a produzir um efeito de desejo, mas a mostrar uma estratégia de sedução. Como obter os favores (destas que na época são denominadas as últimas) contra as proibições psicológicas, sociais, morais e religiosas? O romance libertino se baseia essencialmente na arte de convencer, pois seduzir é levar o outro a ceder às instâncias do desejo, a reconhecer, segundo um mecanismo próximo da conversão, que aquele que enuncia a lei do prazer tem razão e que é preciso a ele se aliar. Romance de dialética, e também da arte de persuadir, na qual o leitor deve ser, como o personagem que resiste, seduzido e persuadido a se render (GOULEMOT, 2000, p. 72).

Vale ressaltar que a transgressão característica de práticas libertinas não se dá apenas nas atividades sexuais, mas também na perspectiva moral e dos próprios costumes cristãos do século XVIII: “(...) a libertinagem, uma mistura de livre-pensamento e vida livre, que desafiava tanto as doutrinas religiosas quanto os mores sexuais” (DARNTON, 1998, p. 106). Assim, as concepções libertinas pertenciam a um mundo lascivo, indecente e atrevido dos primórdios do Iluminismo. Tudo era válido de questionamento, e nada mais seguiria isoladamente e sagrado.

Por tudo exposto, podemos concluir que as ideias libertinas estavam muito além na sociedade francesa no século XVIII, elas se inseriram na própria composição dos cargos políticos ocupados muitas vezes por libertinos como Sade<sup>3</sup>. Apesar de todo um cuidado do contexto para impedir a propagação de ideias libertinas e da literatura ilegal, a França desse momento não passou despercebida por tais questões: “Todos os estados sociais eram compradores: magistrados, oficiais das guardas de corpo; (...) também nobres” (GOULEMOT, 2000, p.39). E essa realidade fez com que esse período, e a aristocracia francesa, os altos postos da administração da época, a Igreja, enfim, se preocupassem, e utilizassem meios para evitar que essas práticas baseadas nas transgressões morais, sociais e religiosas circulassem por todos os cantos do país, e acabou punindo duramente quem colaborava com tal expansão.

### **Literatura libertina em *A filosofia na alcova*: forma e conteúdo**

<sup>3</sup> O autor da *Philosophie dans le Boudoir (A Filosofia na Alcova)* que contem uma das mais veementes profissões de fé republicanas jamais escritas, foi posto em liberdade pela Assembleia, em 1790, e exerceu o cargo de secretário de uma das seções de Paris durante o Terror. Além disso, não é preciso recordar a importância na Revolução do autor de *Le libertin de qualité*, um nobre de Aix chamado Mirabeau, e do autor do poema obsceno *Les aventures du Chevalier d'Organt*, um jovem deputado chamado Saint-Just (ROUANET, 1988, p.9).

Para pensar Marquês de Sade e seu livro *A filosofia na alcova* (2008a), é determinante entender como que se caracterizavam obras de caráter literário libertino. Sade em seus escritos representa seus personagens principais como libertinos, e cria toda uma filosofia de vida para os mesmos. Defende toda uma concepção de mundo, de política e lógica social.

O contexto literário do século XVIII na França passou pela presença de toda uma literatura marginal. Estavam inseridos nessa temática, textos que de alguma forma atacavam ou ofendiam a moral convencional francesa do século XVIII, a Igreja, ou o Estado. Quaisquer que fossem às críticas feitas a algum desses três elementos comprometeria consequentemente a circulação dessas obras, como a circulação das ideias presentes nelas.

Nesse momento, houve todo um público aristocrático que tinha o interesse nessa literatura marginal. E quanto mais proibida fosse, mais desejo incitava nos leitores. A legalidade, aos poucos, desencadeava em ilegalidade. Assim, uma literatura que foi característica desse contexto, e à qual daremos maior consideração neste trabalho é a libertina, que florescera no Antigo Regime, minando todos os valores ortodoxos do mesmo: “A reação do governo foi reforçar a repressão, dessa vez contra livros existentes no extremo do espectro, numa categoria de pura ilegalidade, que ultrapassava todos os limites permitidos e claramente se situava fora da lei” (DARNTON, 1998, p. 12). E como expoente dessa perspectiva literária na França do século XVIII temos o grande Marquês de Sade, que representa o ápice da filosofia libertina a partir de seus escritos. Eliane Robert Moraes (1994) em *Sade, a felicidade libertina* acredita que no Marquês a experiência da libertinagem assume contornos cada vez mais nítidos e insuportáveis.

A libertinagem vai ser uma temática comum de todo um contexto de produção literário francês do século XVIII. Muitas vezes suas discussões vinham acompanhadas de grandes debates filosóficos, além de inúmeras descrições de práticas sexuais variadas. Robert Darnton, que foi um estudioso dessa bibliografia proibida que percorria a França nesse século nos dá uma boa análise sobre a libertinagem:

(...) a libertinagem, uma mistura de livre-pensamento e vida livre, que desafiava tanto as doutrinas religiosas quanto os mores sexuais. Não-conformistas como Diderot lutavam em ambas as frentes; assim a polícia do Antigo Regime sabia o que estava fazendo em 1749, quando fichou Diderot como um “elemento perigoso” e o trancafiou em Vincennes como autor dos eróticos *Bijoux indiscrets* e das sacrílegas *Lettres sur lês aveugles*. Alguns contemporâneos lhe atribuíram ainda *Thérèse*



*philosophe*<sup>4</sup>. Alguns estudiosos modernos também. Há poucos fundamentos para tal atribuição, mas Diderot e Thérèse pertenciam ao mesmo mundo – o mundo lascivo, indecente, atrevido dos primórdios do Iluminismo, onde se questionava tudo e nada era sagrado (DARNTON, 1998, p. 106).

A mistura de sexo e filosofia presente na obra *Thérèse Philosophe* de autor desconhecido foi uma das principais características da literatura libertina do século XVIII. Muitos clássicos da tradição pornográfica estruturavam suas narrativas por uma série de orgias, entremeadas de diálogos metafísicos e filosóficos. *A filosofia na alcova* (2008a) de Marquês de Sade traz essa estrutura em seus diálogos: os parceiros depois de rodadas de orgias, tomam fôlego e recuperam forças e permeiam tal momento discussões de cunho filosófico e caráter libertino. Isso ficará mais claro ao terceiro tópico deste trabalho.

Essa literatura libertina do século XVIII foi então de caráter de transgressão moral e sexual além de toda rebeldia diante da fé religiosa. Ainda nesse período encontramos a presença também dos libertinos de costume: “(...) constitui um grupo reconhecido por características particulares: desafio à moral e à religião, desprezo pelos preconceitos vulgares e prática de atos cruéis, principalmente a violência sexual” (MORAES, 2011, p. 92). Essas são, portanto, as principais características dos personagens libertinos de autores como Sade. E cabe aos romancistas do século XVIII o valor de coligar o deboche de conduta e a libertinagem erudita. E ao Marquês, uma glória maior ainda: “(...) deduzir, dessa síntese, tal ordem de consequências até então jamais concebida, e sobretudo de propor, a partir daí, seu próprio sistema filosófico” (MORAES, 2011, p. 101).

Dolmancé e a Senhora de Saint-Ange, personagens libertinos centrais de *A filosofia na alcova* (2008a) irão a partir de inúmeras discussões filosóficas e materialistas, intercaladas de práticas sexuais e orgias carregadas de flagelações, iniciar a jovem Eugénie na vida libertina e em seus princípios. Peixoto (1979) nos dá uma análise considerável desses personagens, e da relação do discurso filosófico com as práticas libertinas dessa literatura:

O raciocínio dela é mais vulgar, mais superficial, baseado nas sensações experimentadas em sua vida de vício. O raciocínio de Dolmancé é intelectual, penetrante, inteligente. É ele quem realmente conduz tanto a parte prática como a teórica das lições (PEIXOTO, 1979, p. 196-197).

<sup>4</sup> Robert Darnton em *Os Best-sellers proibidos da França pré-revolucionária* (1998) utiliza a obra de J.-F. Barbier, *Journal historique ET anecdotique Du règne de Louis XV* (Paris, 1851), III, pp.89-90, para demonstrar que prenderam M. Diderot por ser suspeito da autoria da obra *Thérèse philosophe*. Um clássico da literatura libertina e proibida na França do século XVIII.

E é em *A filosofia na alcova* (2008a) que temos então, um trabalho completo de Sade nas discussões libertinas. Aqui ele expõe toda sua filosofia materialista, onde coloca a natureza como fonte de todas as coisas, e apenas as leis da natureza devem ser seguidas. Todas as leis morais, culturalmente construídas pelos homens devem ser transgredidas pelos libertinos sadeanos. Tece inúmeros argumentos a partir das falas dos libertinos Dolmancé e Saint-Ange para persuadir não só a iniciante na libertinagem Eugénie na obra, mas aos franceses libertinos e devassos, que têm a intenção de viver apenas na prosperidade dos vícios, fazendo uso de todas as formas de transgressão. E que fique claro que Sade incita o leitor, mas a seu leitor específico, ao seu leitor libertino e devasso.

**“Este céu poderoso jamais se importou com cú algum<sup>5</sup>”: poder e sexualidade em *A filosofia na alcova***

Para analisar as relações de poder em *A filosofia na alcova* (2008a) temos de empreender elementos teóricos. Esta obra, livro fundamental para pensar a libertinagem sadeana, tem em sua configuração, a partir de seus personagens, dois libertinos principais: a senhora de Saint-Ange e o devasso Dolmancé; a iniciante em libertinagem Eugénie, e a principal vítima, a mãe de Eugénie, a senhora de Mistival. A partir desses personagens e seus diálogos Sade estrutura não só sua filosofia libertina de destruição de mundo, mas também apresenta relações muito definidas entre grupos: os dos libertinos e os das vítimas. E a partir deles poderemos analisar em Sade essas relações de poder, e quais consequências eles trazem a seus personagens.

Michel Foucault (1926-1984) fez uma conceituação importante a cerca de poder. Em várias de suas obras, como *A ordem do discurso* (1996); *Microfísica do Poder* (1979) e *História da sexualidade I: A vontade de saber* (1988) ele apresenta análises consideráveis sobre o poder, tendo em vista que esses são relacionados de maneiras diversas, a partir da obtenção de saberes. O poder será utilizado e representado por meio de discursos institucionais, ou não, mas sempre discursos carregados de verdades, todos em função de

---

<sup>5</sup> Frase retirada de uma das falas de Dolmancé, personagem libertino da obra *A filosofia na alcova* (2008a) de Marquês de Sade.

delimitar alguma legitimidade ao que se quer defender. E isso estará presente nas falas dos libertinos sadeanos.

Em *Microfísica do Poder*, Foucault (1979) através de inúmeras pesquisas no campo da loucura, da sexualidade, e dos discursos identifica que o poder não está despreendido dos saberes, e que toda prática de poder constitui uma verdade:

O importante, creio, é que a verdade não existe fora do poder ou sem poder (não é – não obstante um mito, de que seria necessário esclarecer a história e as funções – a recompensa dos espíritos livres, o filho das longas solidões, o privilégio daqueles que souberam se libertar). A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 1979, p. 12).

Aqui podemos notar que Foucault considera que cada sociedade cria sua própria verdade, até mesmo como mecanismo de poder, que a sustenta. Tal temática corresponde em muito as obras de Sade, uma vez que ele cria uma lógica própria de uma sociedade libertina, utiliza de inúmeros discursos carregados de verdades únicas para justificar práticas necessárias para criação e perpetuação dessa sociedade do crime:

EUGÉNIE, corando – Céus!... Estou tão envergonhada!  
DOLMANCÉ – Ora, afastai de vós este sentimento pusilânime. Todos os nossos atos, sobretudo os de libertinagem, são inspirados pela natureza, e não há nenhum, seja de que espécie for, de que se possa envergonhar-se. Vamos, Eugénie, bancai a puta com esse jovem. Sabei que é uma dádiva da natureza uma moça provocar um rapaz, e que seu sexo só a celebra melhor quando se prostitui com o nosso. Sabei, em suma, que foi para serdes fodida que nascestes, e aquele que se recusa a essa intenção da natureza sobre ela não merece ver o dia! Abaixai vós própria o calção desse moço até suas belas coxas, enrolai sua camisa sob a veste para que a parte da frente... e o traseiro, formosíssimo aliás, fiquem à vossa disposição... Uma das vossas mãos deve se apoderar desse enorme rolo de carne que, pelo que estou vendo, logo vos assustará com sua forma, e , a outra, deverá passear por suas nádegas e afagar o olho do seu cu... Sim, desse modo... (Para mostrar a Eugénie como se faz, socratiza Augustin ele mesmo.) Arregaçai a touca dessa cabeça vermelha, não a recobri enquanto agitardes, conservai-a nua... esticai o filete a ponto de rompê-lo... Pronto!... Percebeis o efeito de minhas lições?... E tu, meu filho, peço-te que não fiques com as mãos encolhidas!... Será que não existe nada aí com que se ocupa?... Acaricia esses belos seios, essas lindas nádegas... (SADE, 2008a, p. 95-96).

É com base na natureza, e em seus princípios naturais e livres, que Sade trabalha sua verdade libertina. Percebemos como o devasso Dolmancé explica a iniciante Eugénie que não há nenhuma ação de que ela possa se envergonhar, que a natureza não cobra isso de

indivíduo algum. Logo tudo se torna permitido, e as orgias serão recebidas de bom grado pela natureza, não realizá-las, isso sim, poderia ser uma afronta à mesma. Nessa fala ainda podemos identificar algum exercício de poder. Quando o libertino incita a jovem a praticar o gozo, a se entregar a devassidão e abandonar sua vergonha, característicos de resquícios de uma “moral” conservadora do século XVIII francês está lhe impondo sua verdade libertina, e conseqüentemente exercendo seu poder, persuadindo-a com suas falas e práticas libertinas.

A sociedade sadeana é marcada por relações de poder conduzidas por discursos impregnados de “verdades” em que Sade expõe em sua literatura libertina. Duas classes distintas se estabelecem em suas obras: de um lado a dos libertinos e de outro a das vítimas. No libertino há sempre um projeto de educação na libertinagem, isso é evidente nos diálogos do devasso Dolmancé e da libertina Saint-Ange com a iniciante Eugénie:

SAINT-ANGE – Não, Dolmancé... não deveis ver ainda um objeto cujo império é demasiado sobre vós, para que, tendo-o uma vez na cabeça, possais em seguida raciocinar com sangue-frio. Necessitamos de vossas aulas; começai a ministrá-las, e os mirtos que desejais colher formarão depois vossa coroa.

DOLMANCÉ – Certo. Mas para demonstrar a esta bela criança as primeiras lições de libertinagem, é preciso que ao menos vós, senhora, tenhais complacência em vos submeter.

SAINT-ANGE – Num instante!... cá estou, em pêlos... Dissertai sobre mim o quanto quiserdes!

DOLMANCÉ – Que belo corpo! É Vênus em pessoa, embelezada pelas Graças!

EUGÉNIE – Oh, minha cara amiga, quantos atrativos! Deixa-me percorrê-los à vontade... Deixa-me cobri-los de beijos. (Executa.)

DOLMANCÉ – Que disposições excelentes! Um pouco menos de ardor, bela Eugénie; só vos peço atenção neste momento.

EUGÉNIE – Está bem, estou ouvindo, estou ouvindo... Mas ela é tão linda... tão rechonchuda, tão fresca!... Ah, como é encantadora a minha boa amiga, não é mesmo, senhor?

DOLMANCÉ – É bela, sem dúvida... perfeitamente bela. Mas estou convencido de que não lhe ficais devendo nada. Vamos, escutai-me, minha linda e pequena aluna, ou receais que, se não fordes dócil, usarei sobre vós direitos que me dão amplamente o título de vosso preceptor (SADE, 2008a, p. 27).

Percebemos nesse trecho do diálogo entre Dolmancé, o libertino, quer iniciar antes dos atos e das práticas libertinas sexuais, a libertinagem teórica a Eugénie, a iniciante. Eugénie aqui não é precisamente a vítima da lógica sadeana, uma vez que ela está disposta a aprender a filosofia da destruição que o libertino irá propor, além de estar excitada para iniciar as orgias praticadas pelos libertinos Dolmancé e Saint-Ange. Ela estará preparada e ansiosa a cometer os crimes necessários para se integrar nessa classe dos libertinos, será uma verdadeira aprendizagem. Eugénie então, se diferencia do caráter de vítima proposto por Sade, por se

corromper ao gozo desenfreado. A vítima sadiana ela não infringe sua virtude e seus ideais morais, como *Justinne*<sup>6</sup>, e a própria senhora de Mistival, mãe de Eugénie, que é a vítima ideal de *A filosofia na alcova* (2008). Vale destacar que as classes dos libertinos e das vítimas são muito bem definidas em Sade, e a própria educação libertina que ele propõe: “De qualquer modo, a educação nunca permite passar de uma classe para outra: Justine, a quem tantas vezes se repreende em capítulo, jamais deixa o seu estado vitimal” (BARTHES, 1990, p. 27).

Partindo da perspectiva foucaultiana de que o poder emana de todo e qualquer lugar, identificamos que para Sade e seus personagens libertinos o único poder válido e que merece ser considerado é o da natureza: “Sade irá negar Deus em nome da natureza – o material ideológico de seu tempo fornece-lhe discursos mecanicistas – e fará da natureza um poder de destruição” (CAMUS, 2003, p. 56). O poder para Sade emana da natureza e para a natureza. A sociedade determinada de Sade é a libertina, detentora de ações violentas, cruéis, que favorecem apenas seus instintos individuais em função da degradação do outro. Tais ações, carregadas de poder, utilizando discursos naturalistas para justificar suas práticas libertinas se encontram explícitas nos diálogos dos personagens libertinos em *A filosofia na alcova* (2008a) como podemos perceber nesse trecho da obra:

MISTIVAL, *desfalecendo*. – Tende piedade de mim, eu imploro... estou me sentindo mal... vou desmaiar... (*A senhora de Saint-Ange tenta socorrê-la; Dolmancé não permite.*)

DOLMANCÉ – Não, não, deixai-a nesta síncope: nada é mais lúbrico que uma mulher desmaiada; vamos açoítá-la para trazê-la de volta à luz... Eugénie, vinde deitar-vos sobre o corpo da vítima... Verei agora se sois de fato dura. Cavaleiro, fodei-a sobre o céu da mãe desfalecida, e que ela nos masturbe, a Augustín e a mim, com ambas as mãos. Vós, Saint-Ange, ireis masturbá-la enquanto a fodem.

CAVALEIRO – Na verdade, Dolmancé é horrível o que nos mandais fazer; isso ultraja ao mesmo tempo a natureza, o céu, e as leis mais santas da humanidade.

DOLMANCÉ – Nada é mais divertido do que os sólidos ímpetos de virtude do cavaleiro. Onde diabos ele vê, em tudo o que fazemos, o menor ultraje à natureza, ao céu e à humanidade? Meu amigo, é da natureza que os devassos tiram os princípios que colocam em ação. Já te disse mil vezes que a natureza, para a perfeita manutenção das leis de seu equilíbrio, necessita tanto de vícios quanto de virtudes, e nos inspira um por vez os movimentos que lhe são necessários; logo, não praticamos nenhuma espécie de mal nos livrando a tais movimentos, de quaisquer tipos que se possa supô-los. Quanto ao céu, meu caro cavaleiro, pára, peço-te, de temer seus efeitos. Um único motor age no universo, e esse motor é a natureza. (...) Portanto, age, cavaleiro, age sem nenhum temor; poderíamos pulverizar essa puta, que não haveria nisso a menor suspeita de um crime. Os crimes são impossíveis ao homem. A natureza, incutindo-lhes o irresistível desejo de cometê-los, soube prudentemente afastar deles as ações que pudessem perturbar suas leis. Vá, meu amigo, estejas certo de que todo o resto é absolutamente permitido e que ela não tem sido absurda a

<sup>6</sup> A heroína virtuosa de uma das obras do Marquês de Sade.

ponto de nos dar o poder de perturbar ou desordenar sua marcha. Cegos instrumentos de suas aspirações, ela mandou-nos abraçar o universo; desobedecê-la seria o nosso único crime. Todos os celerados da terra são apenas agentes de seus caprichos (...) (SADE, 2008a, p. 192-193).

Como percebemos com Dolmancé, o libertino de Sade percebe as leis, mas faz questão de infringi-las, uma vez que essas são ruins para o homem, o indivíduo, e visam o melhor apenas para o “geral”, ou para as instituições que a criam.

Por todas as questões apresentadas, podemos notar que as relações de poder em Sade presentes no livro *A filosofia na alcova* (2008a) se dão nas práticas libertinas. Apenas a classe dos libertinos detém o poder na lógica sadeana. Eles detêm o poder nas orgias ordenadas, nos discursos naturalistas, nas ações e no próprio destino das vítimas, como a senhora de Mistival, uma das vítimas perfeitas em Sade, que depende exclusivamente das ações cruéis e devassas que os libertinos Dolmancé, Saint-Ange e Eugénie, sua própria filha, e demais, lançam sobre ela:

SAINT-ANGE – Condeno-a à forca.

CAVALEIRO – A ser esquartejada, como fazem os chineses, em vinte e quatro mil pedaços. AUGUSTIN – Eu não, que seja quebrada viva.

EUGÉNIE – Minha bela mãezinha será recheada com mechas de enxofre, e ateari fogo em todos os pedaços. (*A postura aqui se desfaz.*)

DOLMANCÉ, *de sangue frio*. – Pois bem, meus amigos; como vosso instrutor vou atenuar a sentença; mas a diferença entre o meu pronunciamento e o vosso é que vossas sentenças são apenas efeitos de uma mistificação mordaz, ao passo que a minha será executada. Lá embaixo há um valete meu munido com um dos mais belos membros que existem na natureza, mas, infelizmente, destilando vírus e roído por uma das mais terríveis sífilis jamais vistas neste mundo. Vou mandá-lo subir: lançará seu veneno nos dois condutos naturais dessa amável e querida dama, a fim de que, durante o longo tempo em que durarem as impressões desta cruel doença, a puta se lembre de não incomodar sua filha quando ela foder. (*Aplausos. Fazem o valete subir. Dolmancé dirige-se ao valete.*) Lapierre, fodei esta mulher aí; é extraordinariamente sã. Este gozo poderá curar-vos: é um remédio comprovado (SADE, 2008a, p. 194).

Relações de poder em Sade são, portanto, representados pelos libertinos. E estes efetuam suas práticas devassas e criminosas, com base nos princípios da natureza, os quais nada reprimem, tudo é permitido, prezam pela imaginação sem limites. Sendo todo crime aceito, e toda destruição necessária: “(...) Eu te disse vinte vezes, nada como conceber um crime para atrair a felicidade, parece que é apenas aos malfeitores que a estrada se entreabre facilmente” (SADE, 2008a, p. 69). Dolmancé, o principal libertino de *A filosofia na alcova* (2008a), utiliza de todo seu poder sobre a vítima objeto, a senhora de Mistival, para prová-la



que não há caminho a ser seguido que não seja o pelas práticas do vício. Só por elas se alcançará a prosperidade.

### Considerações Finais

As relações de poder existentes nas práticas libertinas dos personagens do livro *A filosofia na alcova* (2008a) de Marquês de Sade, a partir de Foucault e sua conceituação sobre poder, se dão pelos discursos dos libertinos carregados de verdades para produzirem coerção sobre suas vítimas. Sade foi um autor que criticou seu contexto, a França do século XVIII, as instituições detentoras de poder como a Igreja e o Estado, e a própria aristocracia à qual fazia parte.

Sade produziu uma lógica própria para seus personagens e sua sociedade do crime, baseada em princípios naturalistas de destruição, acreditando que o mundo só poderia ser regido pelo crime, o libertino, que seria a figura ideal de detentor de poderes estaria sempre gozando de seus prazeres individuais, e praticando todo e qualquer tipo de destruição.

Por tudo exposto anteriormente, pude concluir que as relações de poder em Sade se dão não só nas práticas libertinas sexuais, nas orgias, e nas flagelações, mas acima de tudo nos discursos. Os discursos libertinos carregados de preceitos materialistas/naturalistas e filosóficos detêm o uso de poder, o poder do libertino sobre a vítima; o poder da natureza sobre as demais coisas do universo. É pelo discurso que Sade comanda suas relações de poder, e depois de exaltar teorias e mais teorias, que vem a prática libertina, sempre ordenada pela figura do libertino, detentor do poder de destruição necessário a uma boa libertinagem.

## **Bibliografia**

### **1) Documentação Escrita**

ANÔNIMO. *Tereza Filósofa*. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Porto Alegre: L&PM, 2000.

SADE, Marquês de. *A Filosofia na Alcova*. Tradução, posfácio e notas Contador Borges. São Paulo: Iluminuras, 2008a.

\_\_\_\_\_. *Os infortúnios da virtude*. Tradução Celso Mauro Paciornik; apresentação Contador Borges. São Paulo: Iluminuras, 2008b.

\_\_\_\_\_. *Franceses, mais um Esforço se Quiserdes ser Republicanos*. Organização e tradução Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Editora Imaginário, 2010.

\_\_\_\_\_. *O corno de si próprio e outros contos*. Tradução de Plínio Augusto Coêlho. Introdução de Guillaume Apollinaire. São Paulo: Hedra, 2009.

\_\_\_\_\_. *O Marido Complacente*. Trad. Paulo Hecker Filho. Porto Alegre: L&PM, 1985.

### **2) Referências Bibliográficas**

BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loyola*. Brasiliense: São Paulo, 1990.

BORGES, Contador. *A revolução da palavra libertina*. In. SADE, Marquês de. *A filosofia na alcova*. São Paulo: Iluminuras, 2008. P. 205-246.

BREMMER, JAN. *Pederastia grega e homossexualismo moderno*. In. BREMMER, Jan (org.) *De Safo a Sade: momentos na história da sexualidade*. São Paulo: Papirus, 1995. P. 11-26.

CAMUS, Albert. *A negação absoluta*. In. CAMUS, Albert. *O homem revoltado*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. *Narrativa, sentido, história*. Campinas, SP: Papirus, 1997.

- DARNTON, Robert. *Os best-sellers proibidos na França pre-revolucionária*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Boemia literária e revolução: o submundo das letras no Antigo Regime*. Tradução Luís Carlos Borges. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GOULEMOT, Jean-Maria. *Esses livros que se lêem com uma mão só: leitura e leitores de livros pornográficos do século XVIII*. Tradução de Maria Aparecida Corrêa. São Paulo: Discurso Editorial, 2000.
- KRAMER, Lloyd S. *Literatura, crítica e imaginação histórica: O desafio literário de Hayden White e Dominick Lacapra*. In. HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Pág. 131-176.
- MORAES, Eliane Robert. *Lições de Sade: Ensaio sobre a imaginação libertina*. São Paulo: Iluminuras, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Sade, a felicidade libertina*. Rio: Imago, 1994.
- PEIXOTO, Fernando. *Sade, vida e obra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- ROUANET, Sergio Paulo. *O espectador noturno: A revolução francesa através de Rétif de la Bretonne*. Prefácio Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- WELLDON, Estrela V. *Sadomasoquismo*. Tradução Pedro Dantas – Rio de Janeiro: Relume: Ediouro: Segmento – Duetto, 2005 (Conceitos da psicanálise; v.3).